



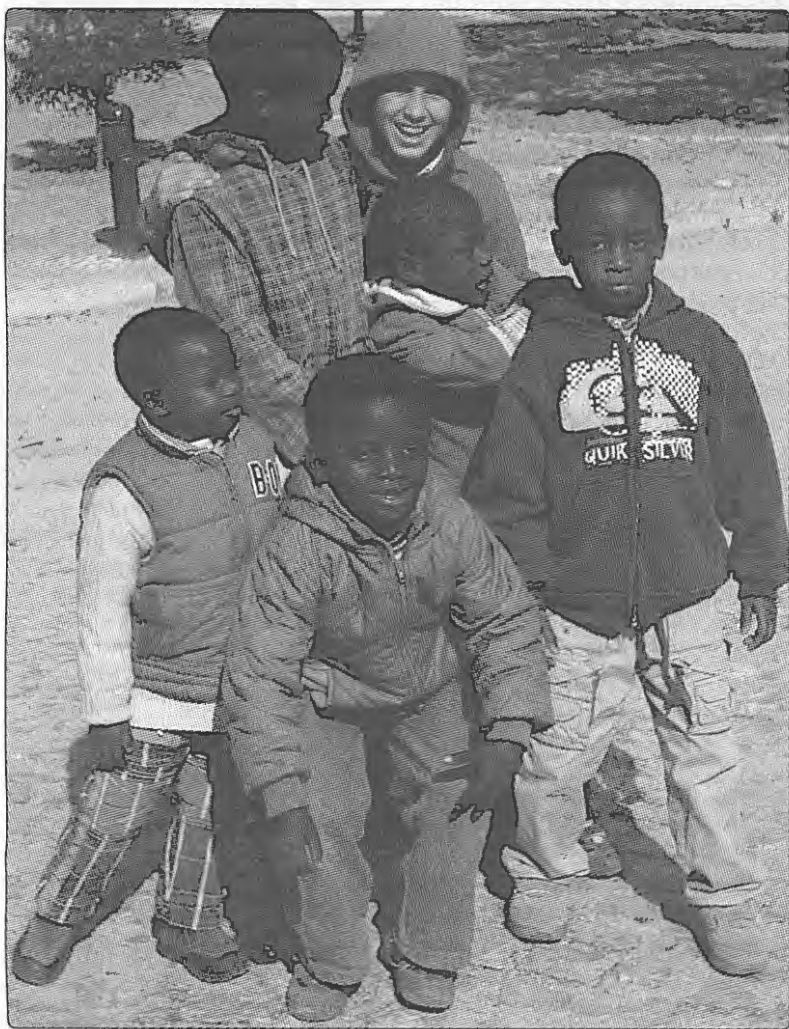
PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL  
DIE05582008GRC



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo 4 de Julho de 2009 • Ano LXVI • N.º 1704 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa  
Director: Padre João Rosa Preço: € 0,33 (IVA Incluído) Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



## SETÚBAL

Padre Júlio

### Aniversário da Casa do Gaiato de Setúbal

QUANDO Pai Américo anunciou a fundação desta Casa do Gaiato de Setúbal para 1 de Julho de 1955, há 54 anos portanto, a um ano de terminar os seus trabalhos de Recoveiro dos Pobres, num pensamento comprovou os passos acertados que até então dera: «Somos a Obra que o Povo mais ama.»

Outra afirmação, mais antiga que a sua, selava e autenticava a bondade dos seus passos: «Voz do Povo, voz de Deus».

Quem quer acertar no caminho e não fazer obra sua nem dar passos em vão, tem de procurar apoios certos. O primeiro foi o seu bispo, de quem Pai Américo esperava a palavra como explicitação do querer de Deus, mandando-o avançar: «Ande lá, ande lá...». Depois, as próprias autoridades o confirmavam no caminho, mas também o faziam as contradições

dos instalados no mundo e nas suas ideias. No fim o selo do amor, comprovativo dado pelo povo.

Estes são os fundamentos da Obra que Pai Américo iniciou e fez crescer até à idade adulta, mas que fora do tempo teve um novo início no dia da sua morte: «A minha Obra começa quando eu morrer». Até aqui era Deus e ele, agora é ele e Deus. Para nós, trabalhadores da actualidade, este é mais um apoio para além daqueles com que Pai Américo balizou e autenticou a veracidade dos seus trabalhos. E mais que um apoio é uma fonte de vida.

A expressão mística de Pai Américo atrás citada, penso poder chamá-la assim, faz-se visível em nós. Nós somos essa Obra e os actuais frutos do nosso trabalho e do seu junto de Deus.

Tal como nos anos 20, 30 e 40, e por aí fora, não foi a sua iniciativa

a despoletar a grandeza e a beleza dos seus trabalhos, também hoje não é a nossa que nos põe nestes caminhos no meio de um mundo cheio de contradições e falho de Luz. Tal como nesse tempo, o mal do mundo não são os Pobres mas a desumanidade dos ricos em todas as suas formas. Esta é a causa que torna incurável a vida dos Pobres.

Quando há dois anos celebrámos os 120 anos do nascimento de Pai Américo, uma escultora amiga fez um busto seu, com a firme vontade de deixar esculpidos sentimentos que nele viu. Agora, e na data aniversária desta Casa de Setúbal, depois de ter sido passado a bronze e posto à entrada da nossa Casa, ficará também este a ser um apoio para todos os que nele descobrirem os sinais de beleza da vida de Pai Américo, que as mãos da artista deixaram marcados na matéria! □

## ATITUDE HUMILDE

Padre João

À hora em que escrevo ainda não sei se um dos nossos ficará excluído do estágio que estava a frequentar e lhe conferiria um curso profissional, na área da restauração... A matéria é grave. Pedi a um dos nossos mais velhos, já casado que me ajudasse e fosse comigo tentar resolver o assunto. A primeira etapa consistiu em abordar o Rapaz para apurar a verdade da acusação. A seguir fomos ao local do estágio e conversámos com a entidade empregadora; gente próxima de nós, compreensiva e amiga. Que sim!... Estavam magoados... mas iam passar uma «esponja» e perdoar a ofensa. Surgia a hipótese de uma segunda oportunidade... Restava-nos ir à escola com o Rapaz e conversar sobre o assunto. O horizonte era a expulsão!

Pedimos ao Rapaz que fosse humilde; que essa era, naquele momento — e sempre —, a atitude mais difícil e corajosa, mas a única que o poderia conduzir a si mesmo e reparar os danos causados. Na preservação desta atitude — na qual o nosso Rapaz prometeu ser persistente — ao reconhecer que errou, foi decisivo o apoio de um irmão seu, um gaiato mais velho, que o trouxe, há alguns anos, para a Casa do Gaiato, concondido da sua situação familiar dramática.

Da parte da escola, percebeu-se um clima de exigência educativa, incontestavelmente são, como se impunha, aliás. A reunião ia já longa e permanecia inconclusiva. Os professores exigiam um sinal mais claro de arrependimento e um compromisso de mudança exigente. A certa altura alguém lhe falou da mãe... e o «dique» rebentou nas lágrimas abundantes que lhe banharam a face como onda vinda das profundidades de um ser humano ferido... nenhum dos presentes resistiu até que um dos professores recomendou a todos que era melhor «apanhar ar» até à decisão final...

Tarde, mas ainda a tempo. O Rapaz percebeu a mensagem; mensagem que também não passou despercebida aos restantes intervenientes... Que a graça de Deus que habita em cada um de nós o transforme; que ele resista e vá até a ao fim. Será vitória da escola; vitória de todos nós, o seu êxito! Se tal não acontecer, como recomenda Pai Américo, «choremos os nossos pecados». □

## PÃO DE VIDA

### Esperar

SE até as plantas que se cultivam, esperam pela presença humana, mesmo que o seu crescimento seja lento, mas verificável aos nossos olhos, quanto mais aqueles a quem nos devemos.

Esperar pela hora da colheita é a meta de quem se dedica à terra, com mãos calejadas e suor no rosto. «*Dorme e levanta-se, noite e dia, enquanto a semente germina e cresce*» (Mc 4,27).

Estar à espera dos outros e do Outro é próprio da pessoa humana. Revela-se um tempo de impaciência, mas também benéfico. «*Abraão, tendo esperado com paciência, alcançou a promessa*» (Heb 6,15).

Ruminávamos nisto, ao passarmos pela horta desta Casa de família, com filhos marcados por males físicos e deste tempo, quando esmorecemos com a disseminação desenfreada da junça, que abafou o cebolo. Um fitofármaco e a sacha não surtiram o efeito desejável. Este terreno reclama pousio e tratamento adequado.

Em área contígua, de pomar de fruteiras, alguns pêssegos que já pintaram, de encarnado, com o

início do Verão, abafado, foram prudentemente colhidos; e regalararam os nossos Rapazes, à mesa, já em férias escolares, depois de acartarem muita palha.

Alguns, escassos, mas lampeiros, não os deixaram ser saboreados, no almoço comunitário, pois trincaram-nos junto às fruteiras. A fruta, comida directamente das árvores, é uma tentação. O Cristiano foi apanhado em cima de uma ameixoeira e não esperava. *Isto é a Casa do Gaiato...*

Depois da alvorada, a nossa sala de jantar é espaço de espera, desnecessária, se o ritmo dos filhos desta Família fosse o ideal. Na experiência de serem dezenas de irmãos, na maioria adolescentes, constatam-se sinais de retardamento da maturidade, cujo fenómeno se tem acentuado socialmente.

Os mais ligeiros são os pequenitos; pois, reclinam-se e despertam mais cedo. Entretanto, ficam a secar, à espera que cheguem os arrastados. Para se partilhar as refeições, devem estar todos; e, nessa situação, não a antepondo à oração matinal.

Muitas pessoas se lamentam, com frequência, da falta de paciência, para suportarem doenças e contrariedades. Sendo o paciente aquele que sofre, a paciência é

uma virtude que implica padecimento, paixão.

Há enfermidades que surgem inesperadamente, como as doenças para as quais não foi encontrada, até ao momento, cura.

Ao longo destes últimos meses, tocaram-nos, com alguns filhos fragilizados, muitas horas de espera, em salas com esse epíteto. Com sentido, esperar pode ser um exercício salutar; e não tempo perdido.

As salas de espera, nomeadamente dos hospitais, são locais privilegiados de escuta, meditação e acção.

Quando o atendimento é humanizado e delicado, não custa esperar, estar na fila e suportar as demoras.

Por causa de um menino, nosso, com nome Divino (!), de 5 anos, sentámo-nos em cadeiritas, coloridas. Como o ambiente é afável, os males são sublimados. *Quando o mal subsiste, o Bem resiste, o Amor persiste.*

Esta criança foi-nos deixada nos braços, no sul, para ser criada, temporariamente. Numa sexta-feira, perto da Quaresma, em que veio, o trânsito era imenso e esperava-o uma mãe e uma camita lavada para sonhar.

Continua na página 3





## A Família Angolana

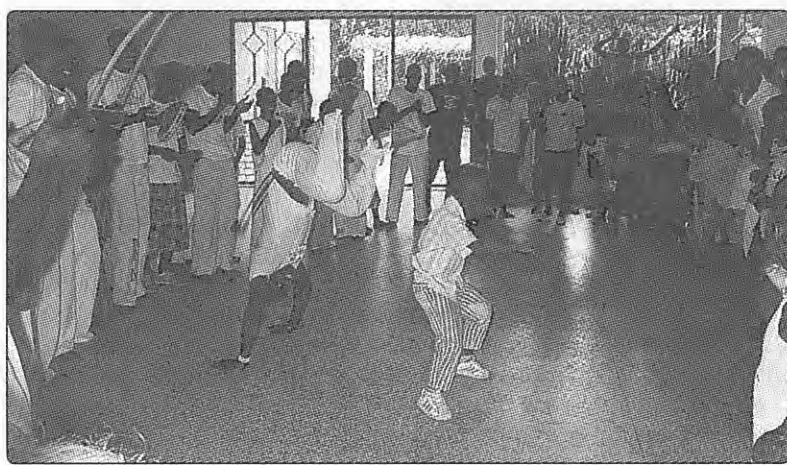
Padre Carlos

É já com os pés em Portugal mas com a atenção ainda muito dividida entre cá e lá que escrevo estas notas.

Vim sem conseguir saber — senão de uma única Escola, distante e isolada por enquanto, na Benguela nova que projectaram para trás do morro da Senhora da Graça — os resultados do primeiro período escolar terminado em meio de Maio. Nem ao findar ele, nem durante a quinzena de férias, nem após elas, «houve tempo» para as reuniões de avaliação em todas as outras Escolas da 7.ª classe em diante; e são mais quatro as que rapazes nossos frequentam. Sem contar as oito salas quem funcionam em nossa Casa: de manhã as quatro primeiras classes; de tarde, a 5.ª e a 6.ª.

Na dita Escola exemplar, à entrada, o painel perfeitamente organizado com os resultados; e na Secretaria, um bom acolhimento. Mas a Escola deserta de alunos e professores, que essa primeira semana — dizem — é costume não haver aulas. Se calhar para descansarem todos das férias...! Mas ali — também nos informaram — estavam marcando faltas. Nas outras Escolas quando reabrissem (o que terá sido, se foi, na semana de 8/Junho), ditariam aos alunos as notas e eles as levariam aos encarregados de educação... Eis um processo correcto e seguro de lidar com informação tão importante!!!

Vim magoado com esta Escola que não instrui nem educa num País que começa e tem de se assumir. E pensando que, ao menos em nossas Casas, que oferecem das melhores instalações porventura possíveis de encontrar em toda a Angola, não é esta a nossa missão principal, mas sim que a Escola ajude a formar cidadãos válidos que a tenham por instrumento insubstituível de progresso em conhecimento e em princípios.



de Festas e de Lazer. Foi hora e meia de saudável entretenimento, a que aderiram com mais ou menos jeito, vários dos nossos adolescentes, alguns «Batatinhas» e poucos dos maiores.

Os nossos padres terão de lutar por uma autonomia que nos permita mais seguramente alcançar este objectivo, mediante uma Direcção própria que sinta e sofra os problemas e oriente e exija. Já é assim em Moçambique e tem de ser também com as nossas Escolas em Angola.

O aproveitamento escolar (e profissional relativamente àqueles adolescentes e jovens que não têm capacidade e/ou vocação para seguirem uma via de estudo) tem de ser critério firme na regência das nossas Casas, que não são para entreter o tempo nem lugares de engorda senão para os animais que criamos para a nossa alimentação.

\* \* \*

No Dia da Criança, que é feriado em Angola, três dezenas dos nossos mais pequenos participaram no *Pavilhão das Acácias Rubras* numa festa dedicada às crianças com respectivo lanchonete.

À tarde fomos visitados por um grupo de Jovens, os ABADA — grupo da «Capoeira» (me perdoem se o nome não estiver exacto) que actuaram com seus exercícios de ginástica rítmica no nosso Salão

de Festas e de Lazer. Foi hora e meia de saudável entretenimento, a que aderiram com mais ou menos jeito, vários dos nossos adolescentes, alguns «Batatinhas» e poucos dos maiores.

Mal tive tempo de lhes agradecer, então, mas faço-o agora e espero que lhes cheguem exemplares deste número d'O GAIATO. E mais que a diversão que nos proporcionaram, quero sublinhar o exemplo que deram aos nossos rapazes: — pela escolha de uma ocupação que lhes preenche tempos livres e os irmana numa organização toda e só do grupo cujo líder anda pelos vinte e poucos anos;

— pela iniciativa de virem até nós com total autonomia de meios, que nem as nossas carrinhas foram precisas para o transporte;

— pela generosidade dos brinquedos e outros brindes que trouxeram para os mais pequeninos, comprados das suas magras economias, os quais, não chegando um para cada qual, proporcionaram o último número do programa: jogos entre os miúdos que indicassem o vencedor e destinatário da prenda.

Obrigados por esta boa lição, o melhor de tudo que foi bom ao longo daquela hora e meia de convívio. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

*O Evangelho, meus senhores, é uma exactidão tremenda! É uma força terrível! Se alguém te disser do doce Rabi da Galileia, não faças caso. São poetas a fazer renda. Mas quando os pregadores da Cruz falam do Revolucionário que veio ao mundo para trazer a espada, então sim. Escuta. E se tens coragem faz-te tu também um revolucionário à Sua moda. □*

## BENGUELA

Padre Manuel António

### Promoção humana

REGRESSEI à nossa Casa do Gaiato de Benguela. As provas de carinho, manifestadas ao longo dos dias, durante a minha ausência, estão muito vivas na minha memória. Agradeço de todo o coração. É preciso avançar, de mãos dadas, pelo caminho do nosso povo, para a meta da vida humanamente digna. A pobreza extrema e a miséria são o abismo que não nos deixa viver tranquilos e indiferentes.

O discurso da apresentação ao povo do novo Governador da Província de Benguela vai ao encontro das necessidades vitais da população. Propõe-se trabalhar pela erradicação da pobreza, a melhoria da educação, com o aumento do índice de alfabetização e a criação de novas escolas. Outros pontos importantes também fazem parte do seu programa de governo: a melhoria da assistência médica e medicamentosa, bem como a distribuição de água potável, energia eléctrica e saneamento básico. Quem dera sejam dados passos em frente, no terreno! Quem dera que todo o trabalho seja o amor tornado visível!

A nossa Casa do Gaiato de Benguela está em sintonia plena com este desejo. Ontem, um pai de família veio pedir ajuda para comprar um camião de pedra e outro de areia para a construção definitiva da sua casa. Esta manhã, algumas mães com seus filhos seguiram para o posto médico. Todo este serviço, mais os remédios, ficam por nossa conta. É o Pão-nosso de cada dia com o sabor do carinho maternal e da justiça. Vamos continuar o serviço da promoção humana, dentro e fora da nossa Casa, enquanto tivermos força.

As crianças ocupam um lugar privilegiado. O mês de Junho, em Angola, tem uma conotação muito especial com a criança. O dia 1 é o seu dia mundial. Ocupa o centro de muitas reflexões. Não podemos, porém, separar a criança da família. O equilíbrio familiar só é possível com o suporte da unidade e a estabilidade com a alma do amor. Doutra forma temos nos filhos as principais vítimas inocentes da sociedade. Nas crianças de hoje vemos a nação do futuro. Por isso, é necessária toda a atenção possível às crianças. Não apenas no mês de Junho, mas em todos os dias do ano.

A criança tem direito a viver com o pai e a mãe, num clima de paz, fruto do amor. Fico triste, quando vejo os filhos, ao colo de muitas mães a quem pergunto pelos pais das crianças. Desapareceram! É a resposta dada, com naturalidade! Não podemos desanimar. Porém, os altos responsáveis pelos direitos da criança devem fazer todos os esforços na busca de remédio para tão grande mal.

O dia 16 de Junho foi dedicado à criança africana. A nossa Casa foi palco dum encontro oficial, em que participaram algumas centenas. Um dos temas foi a violência familiar contra as crianças. Recordo-me do pedido de internamento, em nossa Casa, dum filho que os pais não podiam suportar. As relações entre o homem e a mulher eram marcadas pela violência dum campo de batalha. Assim confessou o pai deste filho. Víctima inocente! O mundo das crianças pede-nos, em verdade, muito amor. Pede o dom da vida aos pais e aos que assumem o lugar dos pais. Ninguém deve ficar indiferente, na sociedade, perante o futuro que está nas crianças de hoje. □

cunstâncias, uma sessão recreativa de arte, com dois animadores ao microfone. O Aique e Benedito e três no som o Elias, Langane e Martins. Todos se esmeraram. A cantar, declamar, dançar. Não costume apreciar, mas nossos grupos 25 graus e o Street Dance espantaram-me. Do que eles são capazes! Só visto. E pensar que tanto esforço fazemos para incutir outros valores também, mas é tão difícil cativá-los. Com dança vai tudo. Até a fome.

Por último o nosso amigo Stewart Sukuma encantou com as suas canções e pôs em delírio,

quando convidou todo mundo para dançar, com ele e os seus bailarinos Tofo Tofo, a Marrabenta. A tarde chegou ao fim depressa e todos regressaram ao seu lugar. E deve ter sido tanta a fatura que hoje um dos mais pequenos não foi à Escola e encontrado pelo campo, quando lhe perguntaram porquê, respondeu que quer ser cantor. Como é belo sonhar quando se é criança. Também o Aique recebeu convite e vai estagiar na 99 FM que fez a cobertura de rádio e vídeo. Como é bom ser criança e receber amor de todos os que sabem amar. □

## MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

### Dia Mundial da Criança

DECORREU em nossa Casa a celebração do Dia Mundial da Criança, em conjunto com oitenta e três meninas do Orfanato Halima, daqui bem perto, mais do Centro Social de Matalana, a terra de Malangatana. Cerca de quatrocentas crianças. A Academia do Bacalhau de Maputo, promoveu e custeou, transportes, alimentação, camisetas adequadas, brinquedos e refeições.

Tudo começou com a Celebração Eucarística. O dia não tinha sol, mas a nossa grande Capela, cheia como estava, irradiava alegria. Como é linda assim! Embora dia da Santíssima Trindade, nada mais aconchegante para experimentar a vivência de Deus Família. Todos éramos ali a família de Deus, porque n'Ele temos a vida, a existência e o amor, experimentado por cada um dos presentes, nos cuidados que recebe. E a propósito uma reflexão sobre os

direitos da Criança que apregoar e subscrever em todas as nações é implicitamente reconhecer que não são observados. Evidentemente para estes não era o caso, porque o “nosso auxílio vem do Senhor” que todos fez à Sua imagem e semelhança. Compreendemos e vivemos esta Palavra. Mas todos eles, ali presentes, precisam aprender a reconhecê-los nos outros, para que no amanhã, o seu país alcançado o desenvolvimento, dê cobertura aos Direitos Humanos de todos os cidadãos. A nossa Celebração foi bem tecida com cânticos apropriados e danças esmeradas, agora que temos o Aique na Escola de canto e dança. No final, as meninas e o conjunto de crianças de Matalane, quiseram cantar em Changana algumas das suas canções.

Logo após todos saíram e em grupos se aproximaram da grande sala de informática para receber

um pequeno lanche com um refrigerante.

Conforme as opções formaram-se grupos de pintura com um Pintor a orientar, grupos na Escolinha com as monitoras, na sala aberta com recreação dirigida pelo Professor Nicolau, antigo gaiato, grupos de vôlei, futebol de salão, uma grande burricada para animar os mais pequeninos visitantes que quisessem experimentar a mansidão dos animais. Outros enfim nos baloiços e escorrega da Escola. Houve variadíssimas opções, para que todos estivessem entretidos.

Chegada a Hora do almoço só os convidados vieram para o refeitório, onde foram bem servidos pelos rapazes mais velhos. Todas as Crianças receberam a sua refeição, bem confeccionada e todos ficaram saciados. Cada um sentou-se onde escolheu.

Pelas duas iniciou-se na Capela que acolhe também nestas cir-